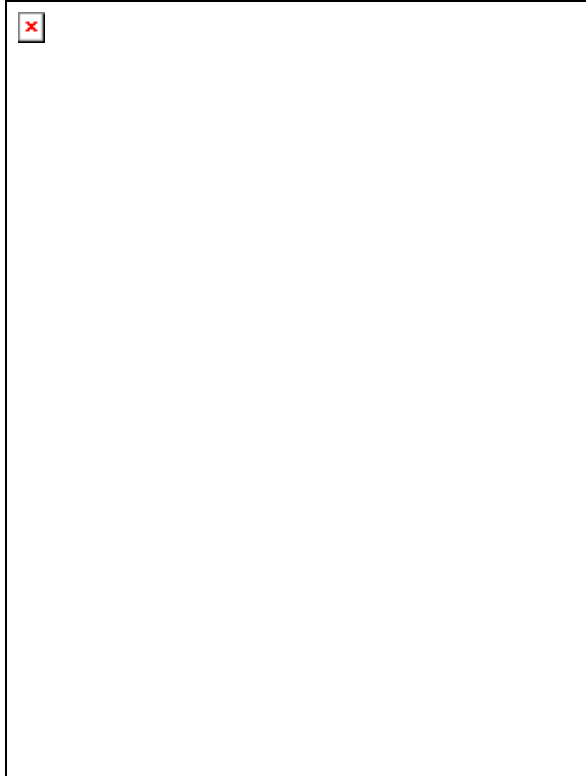


## O negro olhar sobre a sociedade maranhense

Rafaela Pereira\*



José do Nascimento Moraes (1882-1958) figura como expressão de destaque entre os intelectuais de seu tempo. Seus escritos ficcionais e ensaísticos abordam as contradições vigentes em seu Estado, sobretudo no tocante às questões raciais. Como cidadão, combateu os preconceitos, não se deixando intimidar por aqueles que não reconheciam o valor de seu trabalho. Crítico ferino, não tinha benevolência com os que se utilizavam da literatura como forma de promoção pessoal, posicionando-se, também, contra a hierarquização de culturas e a supremacia da cultura europeia. Marcado por uma perspectiva irônica e mordaz, seu romance *Vencidos e degenerados* (1915) é considerado uma das narrativas de maior impacto sobre a escravidão no Brasil e

suas consequências, tanto no plano individual e psicológico, quanto em termos sociais. Publicou ainda *Puxos e repuxos* (1910), em que exercita seu talento de polemista; a reunião de crônicas *Neurose do Medo* (1923); além dos *Contos de Valério Santiago*, editados postumamente em 1972. Jornalista comprometido com os desafios de seu tempo, Nascimento Moraes teve forte atuação nos periódicos *O Maranhão*, *Diário de São Luís* e *O Globo*. Foi também professor do Liceu Maranhense e presidente da Academia Maranhense de Letras.

Inspirado pela perspectiva de mudanças políticas no país, especificamente no Maranhão, *Vencidos e degenerados* constrói outra leitura para a presença entre nós de africanos escravizados e seus descendentes, com ênfase no contexto da abolição e em suas consequências. Utilizando-se de uma linguagem voltada para a fala popular daquela época e com personagens representativos, compõe um painel de rara intensidade sociológica sobre a São Luís do final do século XIX. A narrativa se inicia na manhã de 13 de Maio de 1888, na casa de José Maria Maranhense, espécie de quartel general abolicionista, onde várias pessoas aguardavam a chegada do telegrama com a notícia da aprovação da Lei Áurea. João Olivier, personagem central da trama, é um respeitado jornalista que tem como fonte de sustento as crônicas que escreve para um órgão local. Mestiço, posiciona-se a favor dos cativos e é através de seu olhar que as críticas vão sendo tecidas por toda obra em relação à imprensa e à sociedade maranhense. Nesta passagem perceberemos a visão do personagem sobre a abolição:

A liberdade dos negros vem contribuir para o desenvolvimento desta terra infeliz, e dar-lhes novas forças, novos elementos, novos aspectos... Esta fidalguia barata virá caindo aos poucos e o princípio de confraternidade virá acabar com supostas e falsas superioridades do ser, que tem sido um dos mais vis preconceitos da nossa existência política. (MORAES, 2000, p. 67).

Em sua fala, a queda da “fidalguia” acontecerá com abolição e com ela se extinguirão os preconceitos oriundos das classes superiores que, para se manterem no poder, fazem uso extremo da hipocrisia. Seu otimismo em relação à libertação dos negros o faz acreditar que o fim do regime lhes daria condições de progresso e a queda daqueles que tinham sede de poder. É também na figura de Olivier que se encontra um “dos maiores elementos contra a escravidão”. É através de sua fala que percebemos as manifestações indignadas sobre os que realmente precisam trabalhar e os que trabalham por vaidade; e sobre a ausência de reconhecimento da sociedade em relação às pessoas esclarecidas. Pai adotivo de Cláudio, tem a intenção de fazer do menino “um homem de luta” pela própria raça, e não um bacharel ou comendador, mas o filho adotivo deixa dúvidas se estava realmente seguindo as intenções propostas por Olivier.

Cláudio era filho de Andreza e Daniel Aranha, ex-escravos. Perseguido pelos professores e pelos colegas por causa de sua cor, o menino tem a proteção do pai adotivo, que cuida de sua educação com zelo. Olivier era descendente de família tradicional, o que explica seu prestígio nos círculos intelectuais. Porém, bastou tornar suas ideias conhecidas para que fosse perseguido a ponto de ter que sair do Maranhão. Tem como mestre Carlos Bento, jornalista e professor, também afastado da imprensa por razões políticas, o que o obriga a viver de aulas particulares. Fora também professor de Olivier e escreve um panfleto no qual faz uma síntese política e social. Com a morte de Olivier, Cláudio termina os estudos no Liceu e começa a dar aulas particulares para ajudar na renda familiar. Segue o exemplo do pai adotivo e se torna jornalista, chegando a fundar o periódico *O Campeão*, que logo encontrou um rival, *O Triunfo*, criado pela elite local como resposta. Não demorou muito para que Cláudio também fosse atacado. Como a renda do magistério não era suficiente para as despesas, recebia um auxílio de José Machado. Este, ao saber que Cláudio era amante de Armênia, começa a tratá-lo com indiferença até que deixa de lhe fornecer a preciosa ajuda mensal. O jovem passa a ser novamente perseguido e após ser salvo de uma emboscada por Aranha, seu pai biológico, sai do Maranhão e vai para o Amazonas, onde passa a ocupar elevada posição como jornalista. A sua volta acontece no dia 15 de novembro, no momento em que estão comemorando a Proclamação da República. Os personagens são construídos através de dualidades: livres e cativos; pobres e ricos; pessoas de famílias tradicionais e pessoas de famílias sem importância social; homens ilustres e homens ignorantes; mulheres de família e mulheres festeiras; entre outros. Os cativos, ao invés de apáticos e submissos, são retratados como homens escravizados que reagem a seu modo às atrocidades praticadas pelas mãos brancas. E são eles que têm amplo desenvolvimento nas ações do romance. São exemplos disso a cena em que D. Amanda, senhora acostumada a aplicar cruéis castigos, leva uma bofetada de sua ex-escrava; das cozinheiras que abandonaram os patrões antes de lhes servirem o jantar; a cena em que os escravos quebram móveis e louças numa expansão de raiva e ódio. Pela figura cômica de Zé Catraia, escravo que é libertado no

dia na abolição, o autor ironiza a possibilidade de se ser livre mesmo sendo cativo. Catraia é visto por muitos como um bêbado, sem valor, mas tudo vê, tudo ouve e tudo sabe. Era homem de confiança de seu senhor, que sabia de sua inteligência e temia que os seus segredos de contrabando fossem revelados. É através deste personagem que vamos tecendo a imagem de Paletó Queimado, alcunha de José Machado, quando Zé Catraia conta a Cláudio a forma como o português se transformou em homem poderoso. Ex-quitandeiro, torna-se um capitalista por meios duvidosos e figura como representação da corrupção na sociedade. Inescrupuloso e ganancioso, Paletó Queimado representa o arrivismo tão comum naquele momento histórico e, motivado por segundas intenções, chega a oferecer ajuda a Olivier.

Já Carlos Bento – o “intelectual falido” – é afastado da imprensa devido à sua postura ideológica. Por sua fala percebemos a desvalorização do professorado e das pessoas sábias, o parecer sobre a sociedade e a educação, e sua crítica sobre a decadência da lavoura quando descreve a imagem do feitor e analisa o atraso econômico do Maranhão. Em um diálogo entre ele e João Olivier, este manifesta a sua desilusão quanto a Proclamação da República:

Eu esperava que, depois do 13 de Maio, por que trabalhei tanto; depois do 15 de Novembro, com que me alegrei bastante; esperava que houvesse uma renovação social. Errônea ou acertadamente eu cuidava que a pública administração com luzes mais fortes e puras, tomasse outro caminho que não esse que hoje nos infelicit. (MORAES, 2000, p. 77).

Poucos anos depois da Proclamação da República, Olivier percebe que os negros não melhoraram de condição e continuaram marginalizados socialmente. Para Carlos Bento seria necessário que os ex-escravos e seus filhos fossem alfabetizados, o que lhes permitiria conhecer os seus direitos políticos e saber que mudanças efetivas demoram anos, talvez séculos. Pela fala dos personagens, o romance traça um painel de como ficaram os negros após a abolição, principalmente para aqueles que acreditaram numa possível ascensão econômica e social. Renovação que aconteceu, mas não da forma nem na velocidade como Olivier julgava.

Com refinada ironia o autor apresenta o perfil da sociedade maranhense dos anos iniciais da República fazendo uso de registros próximos do jornalístico. A relação entre o campo literário e o político permite ao autor fazer o retrato de uma cidade onde os letrados, principalmente os que eram negros, não tinham importância devido à sua condição. Para alguns críticos, *Vencidos e degenerados* se assemelha ao *O Mulato*, de Aluísio Azevedo, mas é preciso ressaltar as diferenças presentes em ambas as obras, a começar pela forma como se posicionam frente às desigualdades raciais. Pode-se dizer também que tal comparação ocorre devido ao fato de Moraes, em sua obra, abordar uma realidade social, descrever os seus personagens de forma minuciosa, tanto física quanto psicologicamente, discutindo questões que certamente eram polêmicas para a época.

Afinal, quem seriam os vencidos e os degenerados do Maranhão? A respeito do negro na literatura brasileira, sabemos que sua representação, via de regra, o reduz a ser permanentemente subalterno. Todavia, Nascimento Moraes soube muito bem como romper com esta prática secular ao construir uma obra típica de quem pensava à frente

de seu tempo. Suas indagações permanecem vivas se inquietam a todos os que procuram as razões e os sentidos das desigualdades contemporâneas.

### **Referência**

MORAES, Nascimento. *Vencidos e degenerados*. 4. ed. São Luís: Centro Cultural Nascimento Moraes, 2000.

---

\* Rafaela Pereira é graduanda da Faculdade de Letras da UFMG.